

Ritmos Brasileiros do Nordeste: a linguagem e condução utilizada pelo contrabaixo elétrico.

Mônica Michelly Lima da Silva
UFRN
mmls_monica@hotmail.com

Ranilson Bezerra de Farias
UFRN
ranilsonfarias@gmail.com

Resumo: Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento que está sendo desenvolvida no âmbito da performance do contrabaixo elétrico na música popular nordestina. A pesquisa tem como temática a demonstração de células rítmicas base e suas possíveis derivações, partindo da compreensão da linguagem e condução harmônica executada pelo contrabaixo. Essas derivações serão desenvolvidas por reconhecidos contrabaixistas da cena musical brasileira a partir dos gêneros musicais: xote, baião, maracatu e frevo. Abordaremos neste artigo, apenas as possibilidades estudadas e aplicadas pelo (a) autor (a) deste trabalho juntamente com alguns exemplos do método Música Brasileira para Contrabaixo de Adriano Giffoni. Por meio do levantamento inicial e estudos aplicados, observamos que existem várias maneiras do estudante ou profissional desse instrumento se apropriar e desenvolver uma linguagem influenciada por fatores como: o estudo técnico, compreensão do estilo e referências de repertórios que podem influenciar na forma como a linha de condução será construída.

Palavras-chave: Contrabaixo elétrico; Linha de abaixo; Música nordestina; Condução harmônica

Brazilian Rhythms of the Northeast: the language and conduction used by the electric double bass.

Abstract: This article is a clipping of a master's research still in progress that is being developed in the context of the performance of electric bass in northeastern popular music. The research has as its theme the demonstration of base rhythmic cells and their possible derivations, starting from the understanding of language and harmonic conduction performed by the bass. These derivations will be developed by recognized bassists of the Brazilian music scene from the musical genres: xote, baião, maracatu and frevo. We will discuss in this article only the possibilities studied and applied by the author (a) of this work along with some examples of the Brazilian Music for Double bass method by Adriano Giffoni. Through the initial survey and applied studies, we observed that there are several ways for the student or professional of this instrument to appropriate and develop a language influenced by factors such as: technical study, understanding of style and references of repertoires that can influence how the driving line will be constructed.

Keywords: Electric double bass; Line below; Northeastern music; Harmonic conduction

Introduction

Neste artigo temos como temática a linguagem da condução desenvolvida pelo contrabaixo elétrico no xote, maracatu (de baque virado), frevo e baião. Os elementos musicais que cercam esses gêneros serão analisados de forma que possam contribuir para o mapeamento e utilização prática dos baixistas, ressaltando as nuances estético-musicais que os envolvem. Esperamos que esse estudo possa demonstrar para os contrabaixistas que existem várias maneiras de se apropriar e desenvolver essa linguagem, baseando-se em fatores como: o estudo técnico, compreensão do estilo e referências de repertórios que podem influenciar na forma como a linha de condução será construída.

Apresentaremos esses gêneros musicais oriundos do contexto da música nordestina, partindo da perspectiva de uma linha basilar e como ela poderá ser executada pelo contrabaixo elétrico. Diante disso serão apresentadas células rítmicas bases (ritmo guia), para linguagem do contrabaixo, que darão suporte para o desenvolvimento de novas possibilidades de linhas de

condução a partir da visão da autora do trabalho e do método música brasileira para contrabaixo de Adriano Giffoni.

A condução rítmica empregada nesse contexto é executada principalmente por instrumentos de percussão, como por exemplo no baião, no qual temos a presença da zabumba e do triângulo desenvolvendo o ritmo. Ramalho afirma que “O ritmo, vindo das danças animadas do sertão, ganhou uma nova configuração com a introdução da zabumba, triângulo e acordeom, que se tornaram o conjunto “típico” para esse gênero. (RAMALHO, 1997, p.92). Diante disso, ressalta-se a importância que há na visualização do gênero de forma mais completa, onde o músico consiga compreender a função musical dos instrumentos de percussão, as principais células rítmicas executadas, assim como entender a função do seu instrumento, tendo em vista que o seu papel será desenvolvido de acordo com essas concepções e relações com todo o conjunto de instrumentos. (MONTANHAUR; SILLOS, 2003).

Observa-se então a consolidação do contrabaixo elétrico dentro desse ambiente, onde foi ganhando seu espaço e se popularizando em vários grupos, entrando com maior força no âmbito da performance em shows de música popular. Falar sobre o contrabaixo nos faz perceber os diversos cenários onde o instrumento já atuou para poder chegar na atual configuração no que se refere a sua utilização e qual sua função. A princípio o contrabaixo desenvolvia principalmente a função de acompanhamento harmônico, com o passar dos anos vários baixistas como Nico Assumpção, Ney Conceição, Arthur Maia, Jamil Joanes, Adriano Giffoni, Thiago do Espírito Santo, Michael Pipóquina dentre outros passaram a explorar o instrumento de forma diferente, como solistas.

Ritmos Brasileiros do Nordeste

A região Nordeste também é conhecida pela sua grande variedade cultural, assim como, percebe-se a pluralidade de festas e tradições, exemplo disso é o carnaval de Salvador, Recife, Olinda, o São João da Paraíba que é festejado com quadrilhas, comidas típicas, fogos e forró, xote, baião etc. Diante disso, percebe-se que a música do nordeste traz consigo também a diversidade de ritmos populares: baião, forró, frevo, axé, samba de roda, maracatu, frevo e muitos outros. Dentre a diversidade cultural encontrada no Nordeste, ressaltaremos a música como elemento de estudo, apresentando o xote, baião, maracatu e o frevo. Entre as possibilidades rítmicas disponíveis optamos por escolher esses quatro ritmos que exemplificam de forma bastante representativa a diversidade da cultura nordestina. O xote e o baião que ressaltam a música de Luiz Gonzaga, o Maracatu de baque virado oriundo da cultura negra, e o frevo que representa a música instrumental nascida nos seios das bandas de música, grupos de grande tradição em nosso país.

Xote

Segundo o Dicionário Grove de Música (1994) o xote é uma dança de roda, como a polca alemã, geralmente executada em andamento mais lento. Foi introduzida na Inglaterra em meados dos anos 1848. No Brasil esse gênero apareceu com maior amplitude em 1850, sendo adotado por vários grupos, onde o xote passou por um processo de mudança, a princípio o Schottisch que virou “xotis” e posteriormente o xote. Aos poucos foi ganhando espaço e se distanciando das características e elementos originais do Schottisch. Atualmente esse gênero é um dos mais relevantes da região Nordeste e ficou imortalizado pela voz do compositor Luiz Gonzaga.

Baião

O baião é um ritmo musical nordestino que costuma ser acompanhado pela dança, muito popular nessa região. Foi na década de 1940 que o baião ganhou espaço na cultura nordestina por meio do músico e compositor Luiz Gonzaga, que é considerado o rei do baião. O baião tem

influências das modas de viola, música caipira e também de danças indígenas. Os instrumentos utilizados nesse gênero é a viola caipira, sanfona, triângulo, flauta doce e rabeca. A temática dessas composições envolve a vida do povo nordestino e suas dificuldades no sertão. Uma das obras mais conhecidas desse contexto é a Asa Branca, que mostra a dificuldade enfrentada no período de seca na região. Desde seu surgimento, o baião se tornou um dos fortes representantes da música regional que traz consigo a sonoridade nordestina. Cortes afirma que:

O baião passa a ser identificado como gênero musical urbano a partir da década de 1940. Desde o seu advento, ele tem sido um dos mais fortes representantes da chamada “sonoridade nordestina”, assim como, um gênero expressivo dentro do que se convencionou denominar como música “regional”. (CORTES, 2012, p. 175)

Maracatu de baque virado

O maracatu tem sua origem advinda de um ritual religioso africano, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, que acontecia durante a coroação dos Reis do Congo. Esse gênero teve sua origem no Brasil, no estado de Pernambuco, sendo destaque em Olinda, Recife. A inserção desse ritmo no contexto da música nordestina, se deu por meio dos escravos. Foi se tornando um ritmo tradicional dessa região e foi perdendo um pouco do teor religioso e ritualístico realizados pelos escravos, se transformando em uma dança típica de carnaval, sem perder suas características. O maracatu é marcante no carnaval de pernambucano, se tornando símbolo da resistência negra no Brasil. A percussão é muito presente nesse estilo, se destacando pela forte vibração dos tambores.

Frevo

Nascido em Pernambuco – Recife, o frevo surge entre os séculos XIX e XX. Dia 09 de fevereiro de 1907 foi escolhido como o dia do nascimento do frevo. A princípio mostra-se como um ritmo carnavalesco que teve influência do maxixe, tango, polca, marchas e dobrados. O contexto histórico está envolto na abolição da escravatura e Proclamação da República, assim como na urbanização da cidade do Recife com a presença dos desfiles das bandas militares. Nesse gênero percebe-se uma riqueza melódica, onde existem perguntas e respostas feitas pelos instrumentos de sopro, geralmente com notas agudas, floreios e articulação bem definida. Uma característica do ritmo é a presença de sincopes e o andamento acelerado. O frevo pode ser dividido em algumas categorias como: Frevo de bloco, frevo canção, frevo de rua. O grupo de quatro colcheias ou quatro semicolcheias é comumente utilizado nesse contexto. Cortes afirma que:

Assim como no baião, uma das figuras rítmicas frequentes é aquela formada por quatro colcheias, sendo a última colcheia ligada e levemente acentuada. Porém, devido às diferenças de andamento e “levada”, a mesma figura torna-se peculiar em cada um dos gêneros. No baião ela tende a soar mais “relaxada”, enquanto no frevo cria um efeito de “aceleração”. (CORTES, 2012, p. 148)

Diante disso, ressalta-se a importância para o baixista em compreender as levadas, assimilando com nuances desenvolvidas pelas seções rítmicas e harmônicas, visando a compreensão das figuras e progressões recorrentes dentro de cada estilo, assim como conhecer o contexto histórico e as influências que cada um traz consigo.

O contrabaixo elétrico nos ritmos do nordeste – Possibilidades e variações

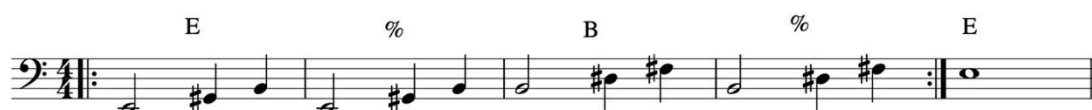
Xote

O grupo musical tradicional que executa o xote é um trio, composto por triângulo, zabumba e sanfona. O compasso utilizado nesse contexto é o 4/4, no qual o contrabaixo elétrico faz a condução semelhante ao ritmo executado pelo zabumba.



Ex. 1: Célula rítmica básica para o contrabaixo no xote By Giffoni (1997).

No exemplo 2, o contrabaixo caminha basicamente pelas tríades dos acordes dispostos na harmonia, sendo dois acordes maiores onde a tônica é tocada em mínimas e terça maior e quinta justa em semínimas.



Ex. 2: sugestão de variação para o contrabaixo no xote By Autora (2023).

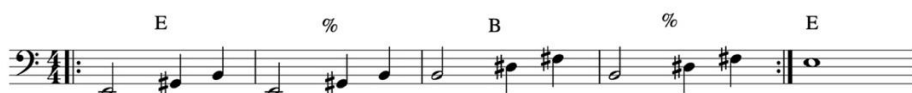
Possibilidade de variação da linha base de condução para mesma harmonia, onde toca-se tônica e quinta do acorde primeiramente em semínima e no segundo momento usa-se colcheias na passagem de um acorde para o outro.



Ex. 3: sugestão de variação para o contrabaixo no xote By Autora (2023).

Baião

Esse estilo é executado em compasso 2/4, tendo como principal característica a acentuação presente entre o final do primeiro tempo e o início do segundo, que gera um tipo de prolongamento conhecido como síncope. Nesse contexto, se tratando da harmonia, o contrabaixo utiliza bastante a tônica e a quinta dos acordes. Giffoni (1997, p. 34) afirma que “A articulação das notas deve ser bastante percussiva e a sonoridade do baixo deve ser aguda para proporcionar bom resultado ao se tocar juntamente com o bumbo da bateria ou com os instrumentos típicos que são, geralmente, a zabumba e o triângulo”.



Ex. 4: célula rítmica básica executada pelo contrabaixo no estilo baião By Autora (2023).



Ex. 5: Sugestão de variação no estilo baião By Giffoni (1997).

O contrabaixo desenvolve uma ideia melódica construída em 4 compassos. Nos dois primeiros compassos toca-se a nona no baixo do acorde, em seguida toca-se a nota mi que

caminha até a tônica do acorde de Gmaj9/A. Nos compassos 3 e 4, toca-se a terça no baixo, tônica e nona (tônica do próximo acorde).

Maracatu

Tradicionalmente não existe a presença do contrabaixo elétrico nos ritmos aqui estudados, dessa forma, é necessária uma visualização enfática nos instrumentos de percussão, onde o contrabaixo busca se aproximar das células rítmicas executadas por esses instrumentos. No maracatu o ritmo é marcado pela presença da pausa de semicolcheia e pela colcheia pontuada. Harmonicamente, o baixo caminha enfatizando a quinta e sétima dos acordes.

Em sua formação original, os grupos de maracatu não usam o contrabaixo, diante disso, os exemplos citados são pensados a partir de elementos rítmicos e referências melódicas desse estilo e, principalmente, do variante maracatu de baque virado de Pernambuco. O compasso usado é o 2/4 e o ritmo básico é marcado pela pausa de semicolcheia e pela colcheia pontuada (sempre acentuada), que podem aparecer no primeiro ou segundo tempo do compasso. (Giffoni, 1997)



Ex. 6: Célula rítmica básica para o contrabaixo no estilo maracatu Giffoni (1997).



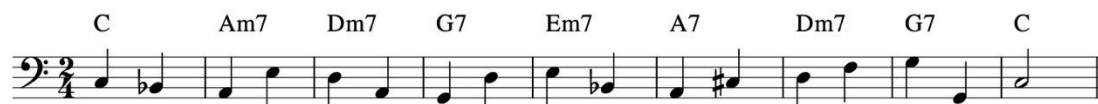
Ex. 7: variação da condução do contrabaixo no estilo maracatu enfatizando a pausa de semicolcheia e sétimas dos acordes by Giffoni (1997).

Frevo

O frevo é muito executado no carnaval da região nordeste. Tocado em compasso 2/4, tem como característica a presença de vários instrumentos de sopro e de percussão. Originalmente, a tuba era o instrumento que executava os baixos, posteriormente o baixo elétrico foi inserido, atualmente é responsável por essa função em várias formações instrumentais. A condução do contrabaixo é feita basicamente por semínimas, enfatizando também convenções executadas pela percussão e sopro.



Ex. 8: Ritmo em semínimas enfatizando a tônica e a quinta dos acordes By Autora (2023).



Ex. 9: variação da condução do contrabaixo no estilo frevo, enfatizando a presença dos cromatismos entre os acordes by Giffoni (1997).

Conclusão

Observa-se que o contrabaixo elétrico ganhou seu espaço dentro do contexto dos gêneros apresentados, apesar de não fazer parte da instrumentação utilizada a priori ou da formação “original”, entretanto, o panorama dentro desse contexto foi sendo alargado, trazendo novas propostas com múltiplos aspectos, nas quais o contrabaixo elétrico foi contemplado.

O repertório de possibilidades que surgem através de novas ideias que tem como referência uma condução base, enriquece o vocabulário e linguagem do contrabaixista, pois ao utilizar a música nordestina como aporte para o desenvolvimento de novas possibilidades no processo de criação e recriação, há a inserção de conceitos adquiridos em outras práticas. Os princípios vistos podem facilitar a compreensão de novas células rítmicas por meio da assimilação das nuances desses estilos, assim como facilitar o desenvolvimento de uma linha adequada para o gênero, visualizando também saberes inerentes a parte de timbres do instrumento e como ele soa melhor em cada ocasião.

Espera-se que esse material e propostas apresentadas possam agregar-se aos estudos e a visualização do contrabaixista que busca desenvolver a performance em gêneros da música nordestina, bem como catalisar o desenvolvimento de pesquisas e materiais que contribuam para aprendizagem e compreensão da função do contrabaixo elétrico nesse âmbito.

References (only cited authors) – Use APA Style

- CORTES, Almir. Improvisando em música popular: um estudo sobre o choro, o frevo e o baião e sua relação com a “música instrumental” brasileira. Campinas – SP, 2012.
- GIFFONI, Adriano. Música Brasileira para Contrabaixo. São Paulo: Irmãos Vitale S/A Ind. E Com, 1997.
- MONTANHAUR, Ramon; SILLOS, de Gilberto. Bateria e Contrabaixo na Música Popular Brasileira. Rio de Janeiro: Lumiar, 2003. 89 p
- RAMALHO, Elba Braga. *Luiz Gonzaga: his career and his music*. Liverpool, 1997. 318p. Tese (Doutorado em Música). University of Liverpool.
- SADIE, Stanley (org.). *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. 2. ed. Londres: McMillan Publisher Limited, 2001.